



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



## O ESTIGMA DA VIOLÊNCIA E SUAS SEQUELAS NA CRIANÇA EM FASE ESCOLAR<sup>11</sup>

PINTO, Natália Alves de Lima<sup>2</sup>  
FILHO, Armando Marino<sup>3</sup>

**RESUMO:** Sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, este artigo apresenta importantes reflexões sobre o fenômeno da violência e suas sequelas na aprendizagem da criança. A violência está presente na humanidade desde sua gênese, pois é unicamente praticada pelo homem. O homem é um sujeito histórico-social, tal compreensão permite conhecer a sociedade de forma ampla e profunda, pois analisa a sociedade em seu movimento de criação e autocriação dos homens nesse processo. No texto procuramos responder a problemática da violência que ocorre fora do espaço escolar, mas que reflete dentro dele. Sendo a escola parte da sociedade é importante considerar o contexto, a história e as vivências que refletem a sociedade e que a criança para dentro do ambiente escolar. Partindo do método materialista histórico-dialético consideramos a educação como atividade social e histórica influência na formação da personalidade e no processo de aprendizagem. Constatamos que o enfrentamento do problema das dificuldades na aprendizagem causado pela violência deve ser objeto de reflexão e ação coletiva envolvendo o corpo pedagógico da escola, assistência social e psicólogos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência; Aprendizagem; Teoria Histórico-Cultural.

### INTRODUÇÃO

O objeto de pesquisa surgiu a partir de experiências pessoais e a convivência com pessoas que sofreram violência doméstica, sexual, psicológicas, físicas, etc. Assim, ao ingressar na universidade e se deparar com estudos embasados na Teoria Histórico-Cultural (THC), por meio de discussões em sala e grupos de estudo, fomentou ainda mais os questionamentos existentes antes da graduação. Ao

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Três Lagoas, como exigência para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Três Lagoas.

<sup>3</sup> Docente Orientador do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Três Lagoas. Doutor.

compreender que a relação que a criança estabelece com o meio influenciará no seu desenvolvimento psicológico, cognitivo e na formação da sua personalidade, entendemos que a atuação do professor é um importante fator para o desenvolvimento da criança. Conforme Leontiev (1978, apud BISSOLI, 2014, p. 589);

É importante ressaltar que a personalidade é uma formação complexa do psiquismo humano (Leontiev, 1978), que engloba tanto as capacidades cognitivas quanto as emoções, à vontade, os traços de caráter. A personalidade é um sistema constituído por distintas funções psicológicas que, integradas, caracterizam a forma peculiar de cada indivíduo atuar no mundo. É um sistema estável. Assim, a personalidade desenvolvida caracteriza-se por determinadas reações unívocas aos acontecimentos (relativa unidade de comportamentos, reações do indivíduo ao que acontece no seu entorno) e por valores unitários. Isso significa que ela não é meramente reativa às situações.

Desde o nascimento nos relacionamos com o mundo, participamos dele e somos afetados por ele. Tanto os aspectos internos, quanto os externos produzem no sujeito transformações psíquicas. “Vigotski entende que todo o conteúdo vivenciado implica numa totalidade afetiva e a vivência demanda a suspensão de qualquer julgamento imediato” (TOASSA, 2009). A criança na primeira infância ainda não tem consciência de como o meio a afeta. A partir do momento em que adquire a linguagem e, por conseguinte o pensamento toma consciência de si e do mundo.

Desta forma, a vivência tem um papel fundamental e significativo no desenvolvimento das crianças, por mais que elas vivam situações similares, seja de violência ou não, cada uma irá apresentar uma reação diante da situação vivida. Portanto, se o contexto no qual a criança está inserida existe relações de violência de qualquer tipo, ocorrerá um impacto negativo no desenvolvimento infantil. Segundo Minayo (2001, apud FRANCISCHINI; NETO, 2007);

[...] a violência contra crianças e adolescentes é todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições capazes de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima. Implica, de um lado, uma transgressão no poder/ dever de proteção do adulto e da sociedade em geral e, de outro, numa coisificação da infância. Isto é, uma negação do direito que as crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condições especiais de desenvolvimento.

A Constituição Federal (CF) de 1988, em seu artigo 227, garante que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Sendo assim, é direito de todas as crianças serem cuidadas e protegidas, quanto a qualquer tipo de violência, no entanto isso não é a realidade de todas, pois uma parcela significativa sofre com a violência ou outras negligências. Visto que, o fato ocorre na maior parte das vezes dentro dos próprios lares. Portanto, é preciso compreender o quanto é importante o professor considerar as vivências e história das crianças. Pois, o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados, sendo que a aprendizagem ocorre por meio das experiências pessoais, concretas e cotidianas, desempenhando um papel decisivo no desenvolvimento cognitivo da criança, ou seja, o meio influencia quem seremos ao longo da vida

A escola precisa direcionar o olhar para a criança, além dos seus muros. Por esse motivo, o presente trabalho visa contribuir com a sociedade, refletindo sobre possíveis estratégias que podem ser desenvolvidas dentro da escola, no cumprimento do seu papel, promovendo o desenvolvimento cognitivo de qualidade para todos os sujeitos.

Diante dessas considerações, foram levantadas questões que servirão de guia para o presente estudo: Por que a escola não acolhe o sofrimento da criança? Por que não tem psicólogos nas escolas? Como os traumas, pela violência sofrida afetam a aprendizagem da criança? É necessário ter um tempo e espaço para o acolhimento afetivo e emocional das crianças?

O objetivo geral deste trabalho é compreender a violência e como ela se manifesta na escola. Assim, buscamos identificar as principais dificuldades de aprendizagem das crianças vítimas de violência. Sob a luz da Teoria Histórico-Cultural, pretende-se investigar aspectos essenciais ligados ao problema. Nesta perspectiva a análise será realizada pelo método materialista histórico-dialético, “que subsidiaram os estudos vigotskianos, as escolas não são instituições apartadas da sociedade; antes são criadas para atender aos interesses específicos de um dado momento histórico” (BARROCO; SILVA; TADA 2021, p. 13-17).

No entanto, esses alunos enfrentam situações de exclusão nos espaços escolares, pois muitas vezes, eles apresentam dificuldades de comunicação, são dispersos durante as aulas, não conseguem realizar algumas tarefas que exigem socialização, dentre outras.

## 1. Sobre a violência

A história que a violência tem traçado na humanidade carrega grandes preocupações. Desta forma, é necessário compreender a relação do ser humano com a violência no cotidiano. Um problema central na sociedade e em todas as culturas, mas que é compreendido a partir de diferentes olhares. Somente, por meio da compreensão histórica da violência, de sua função e do seu papel no desenvolvimento humano, será possível pensar em alternativas de enfrentamento e superação.

Diariamente nos deparamos nos noticiários, com relatos ou até mesmo vivenciamos um ato violento. No entanto, o que é violência? Como ela ocorre? Qual a sua definição? Como a violência interfere nas nossas vidas? A violência afeta a aprendizagem no âmbito escolar? Para uma melhor reflexão sobre o tema violência, apresentarei dois fatos reais que ocorreram no ano de 2021 com grande repercussão no país.

O primeiro caso reportado no site de notícias TN BRASIL TV (2021), relata quando um menino de apenas 2 anos e seu irmão de 7 anos, foram atacados pelo animal de estimação da família, um cachorro da raça *pit bull*. No dia 18 de abril de 2021, em uma pequena cidade, Luziânia, no entorno do Distrito Federal. O desespero tomou conta da família, apesar de todos os esforços para livrar a criança da fúria do animal, com a ajuda de um vizinho. O menino de 2 anos, não resistiu aos ferimentos do ataque vindo a óbito, o irmão ficou ferido no antebraço, mas sobreviveu. O cachorro foi abatido pelos policiais que atenderam a ocorrência, pois não houve outra maneira de contê-lo.

Em outra situação noticiada por Borges e Martins (2021), no site do G1 SC, na manhã de terça-feira, 4 de maio de 2021, uma tragédia assolou Santa Catarina. A creche Pró infância Aquarela, da cidade de Saudades, foi invadida por um jovem, o qual tinha a intenção de matar o máximo de pessoas, como meio de “vingança” do *bullying* sofrido no período escolar. Pensando na fragilidade das vítimas escolheu a

creche, usou de um facão para cometer o ato violento, no qual três crianças de apenas 1 ano, uma professora e uma agente educativa, perderam suas vidas. Uma quarta criança ficou ferida, mas recuperou-se dos ferimentos. O autor desferiu golpes contra si mesmo após o ataque, desta forma necessitou de cuidados médicos, e ao receber alta foi indiciado por cinco homicídios triplamente qualificados e uma tentativa de homicídio. Segundo o delegado do caso, o jovem “agiu consciente do que fez o tempo todo. Ele planejou a ação por vários meses. Então, foi um crime premeditado”, afirmou BORGES; MARTINS (2021).

A violência é uma marca registrada na história da humanidade. Manifesta-se de diferentes formas e de maneiras alarmantes em todo o mundo. Uma crise instaurada desde, a origem do homem, pois o único ser que é capaz de praticar a violência é o homem, portanto a violência é um atributo humano (VÁZQUEZ, 1967). A compreensão que muitos têm sobre a violência, ainda não está clara, um dos motivos é em razão do impacto emocional que causa nas pessoas. Assim, ao assistir ou ler notícias, como as mencionadas acima, no qual um cachorro ataca duas crianças provocando a morte de uma delas, logo podemos pensar ser um ato extremamente violento, no entanto a ação dos animais é puramente instintiva. No mundo animal “não há lugar para a violência por não existir nele liberdade, intencionalidade, nem consciência, todas elas características da condição *humana* dos homens” (PINO, 2007, p.763-785).

Já o segundo fato mencionado implica em uma ação realmente violenta, pois foi intencional visto que, o homem é o único ser capaz de planejar suas ações e fazer o uso proposital da força. Como nos explica Vázquez, “somente o homem tem a capacidade de violar a natureza, por meio do emprego intencional da força. Não cabe o conceito aos animais, pois estes não subjagam para acumular, matam para garantir a sobrevivência biológica” (1990, apud COSTA, 2014, p. 12-205). Os homens projetam o uso da força por meio de armas, ou objetos criados por ele, “[...] só o homem usa a força e pode usar a si mesmo como força” (VÁZQUEZ, 1968), diferentemente dos animais que atuam para sobrevivência ou para saciar a fome.

A definição de violência abrange diversas questões, sendo sociais, políticas e econômicas, modificando-se de sociedade para sociedade conforme o contexto histórico, “[...] independentemente de se tratar de atos agressivos ou da coerção, e

independente de onde aconteça, sempre está relacionada à estrutura social” (MARTIN-BARÓ, 2003 apud SANTIAGO, 2009, p. 3). Ao passo que, o que são costumes para algumas sociedades não são para outras. Costumes antigos como a prática de filicídio – ato de matar o próprio filho - na Índia no século passado não são aprovados nos dias atuais, ou seja, a cultura e o tempo histórico do local estabelecem o que são atos violentos, assim a violência é um processo histórico e social.

Ocorre que, em alguns contextos parecem não acontecer modificações, como as relações sociais que são baseadas na organização do trabalho uma condição vital do homem, que mantém a mesma estrutura desde a sua gênese. Para Marx (2011), o homem retira da natureza os meios necessários para sua sobrevivência, como também usa dela para produzir e criar, ferramentas e instrumentos de controle que possibilitou um grupo mais “forte” subjugar o grupo mais “fraco”. Tudo que é produzido pelo o homem, tem uma intencionalidade, feito para suprir as necessidades de sua existência. Segundo Marx (2011, p.295),

Que a necessidade de um pode ser satisfeita pelo produto do outro, e vice-versa, que um é capaz de produzir o objeto da necessidade do outro e que cada um se enfrenta com o outro como proprietário do objeto da necessidade do outro, prova que cada um, vai além de sua própria necessidade particular etc. e se comporta um em relação ao outro como ser humano; que sua essência genérica comum é conhecida por todos. De mais a mais, não acontece de elefantes produzirem para tigres, ou animais para outros animais. Por exemplo. Um enxame de abelhas consiste, na verdade, de apenas uma abelha, e todas produzem a mesma coisa.

O trabalho é o meio que garante a sobrevivência humana. Vázquez (1990) aponta que, “a violência é parte da atividade vital humana, no entanto, quando o objeto de violação deixa de ser a natureza e passa ser o outro – seu corpo ou sua consciência -, tem-se caracterizado o problema da violência social.” A luta de classes é um dos resultados da resistência perante a violência instaurada na sociedade. No qual, o capitalismo é um grande gerador da desigualdade social determinada pelas relações de produção, onde ocorre a exploração da classe trabalhadora pela burguesia, ou seja, de um lado a mão de obra que vende sua força para manter a sobrevivência e do outro a burguesia proprietária dos meios de produção.

Portanto, “o aparecimento e o desenvolvimento da violência nas relações sociais estão ligados a fatores objetivos – o império da propriedade privada e a divisão da sociedade de classes” (VÁZQUEZ, 1977). Isto é, o capitalismo tem como estrutura a exploração do homem pelo homem, que produz e se reproduz nas relações sociais (ENGELS; MARX, 2011; VÁZQUEZ, 1990). Por conta da exploração, o homem sofre com a alienação, perdendo o sentimento de realização plena e satisfação. Sendo assim, há um embate, pois, nos deparamos com o explorador e o explorado, no qual as direções são opostas com interesses totalmente diferentes e inconciliáveis. Nesse sentido Vázquez (1990) explica que, “Ora, a violência existe objetivamente, na medida em que os homens lutam entre si em virtude de seus interesses de classe, e isso inclusive sem ter consciência da situação objetiva que, através desse choque de interesses, leva-os à violência” (p.395).

Desta maneira, a violência parte das relações estabelecidas pelos homens uns com os outros em condições históricas e sociais. Essas têm por objetivo manter a ordem social posta. Todavia, para a manutenção da ordem é necessário a criação e organização de meios que “evitem” conflitos sociais, assim são estabelecidas regras, princípios e leis, porém esses meios atenderão apenas uma parte da sociedade.

Com a corrupção e desvalorização da mão de obra, fomenta-se a miséria estimulando a violência. A ideia de violência disseminada pelo pensamento moderno, especialmente pela classe burguesa, é que a causa da origem da violência na sociedade se encontra na classe popular. Barroco e Franco (2013, p. 61-84) destacam não ser a pobreza em si a causa da violência, mas, as “condições que a geram ou que dela decorrem estreitamente relacionadas com o modo como a sociedade se organiza e disponibiliza ou não os recursos que cria (a sua riqueza), no campo físico-material ou cultural”.

Assim, os atos violentos cometidos geram uma desestabilização na ordem social ao romper com os limites impostos. Por isso, aqueles que cometem tais atos são vistos como criminosos. O ato violento é visto desde um assassinato, quanto em um xingamento. Em uma sociedade a proporção das ações violentas, determinará quais atitudes cabíveis serão tomadas. Quanto mais importantes forem os valores sociais que o crime viola, tanto mais fortes devem ser os sentimentos contrários que ele desperta na consciência dos homens (PINO, 2007). Para Durkheim (1937), o crime só

deixaria de existir se houvesse no conjunto da sociedade um sentimento de aversão ao crime.

Como ele afirma,

Para que numa dada sociedade os atos considerados criminosos possam deixar de ser cometidos, seria necessário que os sentimentos que eles ferem existissem em todas as consciências individuais sem exceção e num grau de força capaz de conter os sentimentos contrários. Ora, supondo que essa condição pudesse ser efetivamente realizada, o crime não desapareceria por isso, ele mudaria apenas de forma, já que a própria causa que fechasse dessa maneira as fontes da criminalidade abriria outras novas. (DURKHEIM, 1937)

A transformação da consciência de toda uma sociedade não é uma tarefa fácil, pois, diversos fatores estão em jogo, desde a banalização da violência como a submissão totalmente cega as regras que podem levar o uso das “leis” para a tentativa de afastar os autores de atos violentos do convívio social. Essa perspectiva está ligada à compreensão do uso da lei para garantir o estado de direito dos cidadãos. Porém, como afirma Hobsbawn (2007),

[...] independentemente do que os governos e a imprensa digam em público, não é o estado de direito e sim a força (e, se for necessário, a violência) o que assegura a manutenção da ordem, e também de que essa atitude tem apoio pelo menos tácito tanto dos governos quanto da opinião pública.

A história nos mostra que a violência sempre fará parte da sociedade humana, para ela ser eliminada a sociedade também tem que deixar de existir. Neste caso, ao saber que isso é uma utopia, é preciso superar o sentimento de incapacidade por não resolver as crises instauradas pela violência na sociedade.

## **2. Leis de proteção a criança**

É no seio familiar que ocorre à maioria das ações violentas contra as crianças. Pais, responsáveis ou pessoas próximas tornam-se agressores, de forma velada, ao invés de oferecerem proteção e cuidado, oferecem medo, ameaças e sofrimento. Como a violência faz parte da história da humanidade, ela ocorre também desde os primórdios contra as crianças. Ariès (1986), salienta que somente no século XVII, a concepção de infância começa a existir, a criança é vista não mais como um adulto em miniatura, passando a receber mais atenção, cuidados, afeto e paparicação

(PERES, 2018). No entanto, esse processo ainda vem ocorrendo de forma lenta, pois apesar de muitos direitos serem conquistados ao decorrer dos séculos, no qual a lei garante proteção para a criança, os índices de violência contra crianças são altos, mesmo que grande parte dos casos se mantenham encobertos.

Com a tomada de consciência sobre a concepção de infância e criança pela sociedade, a criança vem ocupando espaço como sujeito histórico-social, onde é capaz de interpretar o mundo, ser ativo e produzir. Atualmente ocorre maior divulgação das causas e possíveis prevenções de violência contra crianças. Peres (2018, p. 63), aponta que a partir do momento, em que o impacto causado pela violência tornou-se interesse da esfera pública, a escola obteve um importante papel, pois contribui para a formação do sujeito crítico e na descoberta de suas potencialidades. De acordo com a Constituição Federal (CF) de 1988, o art. 205 garante o direito há uma educação que vise o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, é direito de todos e dever do Estado e da família promover essas condições. Logo, a escola torna-se uma extensão do Estado para o cumprimento do dever da preservação integral do aluno.

O art. 227 da CF impulsionou a criação do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), regulamentado pela lei nº 8.069, em 13 de julho de 1990. Em defesa dos direitos da criança e adolescente, indica estratégias de proteção e prevenção da violência, destinado para toda a sociedade.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

O ECA em seu art. 53 dispõe:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:

- I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II – direito de ser respeitado por seus educadores;
- III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
- IV – direito de organização e participação em entidades estudantis;

**V** – acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo estabelecimento a irmãos que freqüentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da educação básica. (Redação dada pela Lei nº 13.845, de 2019)

**Parágrafo único.** É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

O texto coloca o direito de conquista da cidadania, já durante a infância. Contudo, também discorre sobre a necessidade de exigir respeito no âmbito escolar, pois a escola muitas vezes inverte seu papel praticando a violência simbólica. Tanto na sociedade, quanto na escola a violência manifesta-se de várias maneiras, em brigas, roubos, vandalismo, preconceitos raciais entre outros. Refletindo na aprendizagem da criança, a violência pode ser a causa, “[...] do desinteresse, da falta de concentração nos estudos, da perda de dias letivos e da não vontade de assistir às aulas, por ficarem nervosos, revoltados, com medo e inseguros, trazendo prejuízo para o desenvolvimento acadêmico e pessoal (ABROMOVAY; RUA, 2002). A violência causa “[...] dor, medo, tristeza, baixa autoestima, desvalorização e não reconhecimento da dignidade com que todos merecem ser tratados” (IDEM, 2002).

Uma pesquisa realizada pelo Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo (UDEMO, 2009), apontou que a violência na escola não é diferente da violência fora dela. A violência externa que ocorre fora do contexto escolar reflete também dentro da escola. Não nos esqueçamos: escola é sociedade” (UDEMO, 2013, p. 1). A atuação dos profissionais da educação envolve muito mais que somente a prática de ensino, o caminho a ser percorrido é mais denso. A tarefa de observar, analisar e interpretar a realidade presente em sala é do professor, o que é um grande desafio, pois confere um caráter investigativo que busca captar os problemas sobre os fenômenos que os envolvem. Posto isto, refletir sobre a realidade do aluno, indica que estará mais próximo da compreensão plena do processo de educação.

### **3. As sequelas da violência na aprendizagem**

Com um imensurável impacto social, a violência é uma das causas que interferem no processo de aprendizagem em período escolar, no entanto esse fator

na maioria dos casos é ignorado, as crianças que apresentam dificuldades são na maior parte rotuladas, excluídas ou apontadas como culpadas pelas suas dificuldades.

O professor tem um compromisso social, pois ao contribuir para a inclusão, integração, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem e desenvolvimento integral da criança, estará criando possibilidades de “melhorar” a sociedade. Como uma via de mão dupla, a relação professor-aluno quando existe uma educação humanizada, as duas partes são beneficiadas. Porém, se o professor exercer o seu papel como alguém que apenas transfere conhecimento, sem se preocupar com o desenvolvimento integral da criança, com os problemas e dificuldades que ela apresenta, sendo excluídas, rotuladas e deixadas de lado, por não serem alunos exemplares, pode acabar aumentando os traumas vividos por ela. Paulo Freire (1996) afirma que, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção”, então, negar o cumprimento do dever escolar é ser conivente com a violência social.

Uma pergunta recorrente ecoa, como lidar com os sinais da violência dentro da escola? Como diretores, coordenadores, professores e funcionários podem lidar com esse problema? E como acolher essas crianças vítimas da violência?

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a violência como:

Uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.” (KRUG *et al.*, 2002 apud IBGE, 2013, p. 66).

Para compreender o indivíduo que sofre violência, é preciso compreender a sua personalidade. Na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural (THC), nascemos somente com as funções psíquicas elementares, conforme nos relacionamos socialmente com o outro, desenvolvemos as funções psíquicas superiores (linguagem, pensamento, memória e etc) e na interação com o meio é formada a personalidade, ou seja, o desenvolvimento acontece a partir da atividade realizada no mundo. De acordo com Leontiev, “O que determina diretamente o desenvolvimento da psique de uma criança é sua própria vida – em outras palavras: o desenvolvimento de sua atividade [...]” (2001, p.59-83). Nas relações sociais construímos a comunicação, a necessidade do

uso da linguagem oral e transmissão de informações que surgiram em função das relações estabelecidas pelo trabalho.

Para Vygotski (2000), a criança não nasce com a personalidade definida, mas é constituída nas relações entre as classes sociais e materiais. Assim o autor afirma que a personalidade é formada a partir das relações sociais, portanto no decorrer do “[...] processo de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os modos de procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações naturais e funções, elabora e cria novas formas de comportamento especificamente culturais” (1995 apud FACCI; ESPER, 2021, p. 110-135). O homem é um ser social e o seu desenvolvimento psicológico é o resultado das relações com o outro, por toda a sua vida.

Posto isto, Vigotski (2000) parte da ideia de que para uma melhor compreensão do homem e suas relações, é preciso conhecer a realidade concreta de forma dialética, na busca da compreensão do homem em sua totalidade. Cabe ao professor estabelecer relações que possibilitem ações compartilhadas, no qual sua atuação não se resume a conteúdos, mas que atenda as necessidades e especificidades das crianças.

Segundo Gomes ao,

Considerar a afetividade, as emoções e os sentimentos na escola, não se refere a demonstrações de afetividade e carinho, mas à aproximação da escola da realidade objetiva do aluno para que, a partir de então, o professor possa prestar auxílio à criança na construção de sentidos pessoais acerca dessa realidade, que possibilitem transformações dos afetos (da passividade à atividade) e da própria realidade (2008 apud FACCI, ESPER, 2021, p.110-135).

No espaço escolar é importante que a criança tenha abertura para expor seus sentimentos, ideias e pensamentos de forma que faça parte na construção do processo de aprendizagem. A participação ativa da criança potencializa as relações vivenciadas, o fato de interagir com pessoas diferentes do convívio familiar, possibilita novas aprendizagens, novas maneiras de pensar.

A escola precisa ser um espaço de diálogo e acolhimento, conforme Figueiredo; Costa e Barroco (2021,p. 136 - 161) apontam,

O aporte teórico da Psicologia Histórico-Cultural lança luz no entendimento da relação que a materialidade da vida imprime na subjetividade, o que subsidia a luta contra a prática recorrente de

culpabilizar os indivíduos e desconsiderar as possibilidades e (não) oportunidades em suas trajetórias. A Psicologia Escolar e Educacional deve se comprometer no enfrentamento das condições excludentes e limitantes do desenvolvimento humano.

Entretanto, o diálogo entre professor e aluno nem sempre ocorre, esse “espaço é preenchido pelo autoritarismo. O mais comum é que professores exijam silêncio dentro da sala de aula, assim a criança não tem espaço para falar e ser ouvida, sendo repreendidas ao conversarem sobre assuntos que não são pertinentes ao conteúdo. O processo de humanização na educação somente ocorre mediante as condições que propiciem uma aprendizagem significativa. Porém é centralizado na criança a culpabilidade das suas dificuldades de aprendizagem. O que também é um tipo de violência, ou seja, a violência simbólica exercida no contexto escolar pode agravar na criança as sequelas da violência sofrida fora da escola.

Não importa o ambiente em que a criança sofre a violência, as sequelas refletiram em sua aprendizagem e em sua vida. O autor Dan Olweus (1970) realizou pesquisas tornando-se um referencial no assunto sobre *bullying*, ou em espanhol, o *acaso escolar* e defini que a violência;

[...] quando ocorre no contexto escolar, como uma “conduta de perseguição física ou psicológica realizada pelo aluno contra outro, a quem ele escolhe como vítima de repetidos ataques”. Essa ação negativa e deliberada coloca vítimas em posições das quais elas dificilmente podem sair por conta própria. A continuidade dessas relações causa efeitos claramente negativos nas vítimas: diminuição da autoestima, estados de ansiedade e até sintomas depressivos, o que dificulta sua inserção no ambiente escolar e o desenvolvimento normal da aprendizagem. (ESPANHA, 2007, p. 17 apud BARROCO, et al, 2021, p. 163 - ).

Sendo assim, as sequelas nem sempre serão visíveis aos olhos humanos, necessitando de um olhar que vá além do físico. Seja na escola ou fora dela o sofrimento gerado pela violência é real, causando danos difíceis de se reverter. Calbo (2009) cita que as consequências geradas pela violência, como por exemplo, a prática do *bullying* pode ocasionar desde psicopatologias e até suicídio. Assim, os danos causados refletem ao longo da vida e em todas as áreas, impossibilitando muitas vezes a construção de relações saudáveis. Para Gomes (2008), a psicologia histórico-cultural compreende que a constituição do afetivo está relacionado com apropriação e objetivação de signos, assim transformando o modo de pensar e sentir o que

confirma a unidade entre afeto e cognição no processo de ensino- aprendizagem. Ao professor muitas vezes é atribuído solucionar os problemas de violência relacionados aos seus alunos, contudo falta preparo para lidar com situações tão difíceis, sendo necessário um trabalho em conjunto, como o corpo pedagógico, assistentes social e psicólogos. A presença do psicólogo dentro da escola é importante, mas não significa que o problema da temática será sanado, é uma jornada que exige embasamento teórico, mas também perseverança.

Em dezembro de 2019 foi promulgada a Lei nº 13.935, que dispõe sobre a prestação de Serviços de Psicologia e de Serviço Social nas Redes Públicas de Educação Básica, visando contribuir para um melhor desenvolvimento na aprendizagem e nos desafios enfrentados no cotidiano escolar. O professor sozinho dificilmente conseguirá solucionar os problemas que a violência gera no âmbito escolar, o trabalho deve ser de forma coletiva, envolvendo todo o corpo pedagógico.

No âmbito escolar, ainda existem concepções norteadas pelo senso comum, ou seja, que o comportamento ou dificuldades da criança é relacionado à sua genética e personalidade. Assim, não leva em consideração o contexto em que a criança está inserida. A Psicologia Escolar, “[...] em uma visão crítica, compreende a realidade enquanto processo que se constrói nas e pelas relações sociais, analisa o singular dentro de uma universalidade e não separa a subjetividade e objetividade, nem a teoria da prática” (BARROCO, et al, 2021, p.163 - 191).

Enquanto ciência a psicologia busca no real a origem do problema, e o que a geram. Orientando o professor como lidar com tais questões que vão além do pedagógico, o psicólogo colabora com o entendimento da raiz do problema. “A proposta de intervenção do psicólogo deve ter a finalidade transformadora, visto que busca contribuir para o processo de humanização dos alunos, ancorada na contextualização histórica acerca dos fenômenos, rompendo com concepções simplistas e individualizantes [...]. (BARROCO; SILVA; TADA, 2021, p. 13 -17).

Conforme Vigotski (2000), o homem é um sujeito histórico e social, portanto a formação de sua personalidade depende do contexto ao qual está inserido. No mesmo sentido Leontiev afirmou que,

O que determina diretamente o desenvolvimento da psique de uma criança é sua própria vida e o desenvolvimento dos processos reais desta vida – em outras palavras: o desenvolvimento de sua atividade.”

(2001, p. 291). Isso porque é somente nas relações sociais, que permite a comunicação com os outros e a atividade coletiva, que essas tendências podem revelar-se e desenvolver o potencial psicológico de cada pessoa. (apud, BARROCO, FRANCO, 2021, p. 61 - 84).

Uma crítica de Vigotski a psicologia tradicional era em questão à análise dos fatos serem feitas de forma parcial, pois o autor afirma que é importante a compreensão do ser como totalidade, sendo a dialética o método adequado para compreender o homem como sujeito histórico (FACCI; ESPER, 2021, p.110 - 135). Foi uma grande conquista a promulgação da Lei nº13.935, mas é preciso que realmente a lei seja exercida, e não fique somente no papel. No entanto, o dever do psicólogo na escola não é psicoterápico, mas de caráter científico para uma melhor compreensão do desenvolvimento como um todo e da realidade.

E evidente a necessidade de se adequar um tempo para conhecer o aluno e a sua história, no entanto existem inúmeros desafios para que isso ocorra. Salas de aulas lotadas, tempo curto para passar conteúdos, a falta de preparo do professor, falta de diálogo, entre outras. Todas essas questões pautadas dificultam identificar os sinais da violência que a criança sofre fora da escola, ainda mais quando as marcas são invisíveis. “Por isso, crianças e adolescentes que passam por violência sem ajuda sociopsicológica podem desenvolver uma conduta antissocial que arrastará consigo durante o seu crescimento [...]” (CEZERILLO, FRANZE, 2020, p. 464 - 486).

Quiçá alguns professores acharem que pensar em medidas de enfrentamento a violência, não deva fazer parte de suas atribuições, mas é no professor muitas vezes que a criança se sente segura o suficiente para por fim ao silêncio causado pela violência. Segundo Paulo Freire (1996),

[...] o papel do educador não pode ser reduzido a algo imutável, pois não se pode dizer “este é o papel do educador”, mas quando a prática educativa se processa num marasmo acomodado, as ações acontecem sem reflexão, o professor aliena-se em seu próprio trabalho e, na maioria das vezes, é impelido a cumprir um papel no qual se reconhece como aquele que deve ensinar, mas que apenas reproduz: a escola deixa de ser considerada como um espaço de produção do saber, mas apenas de reprodução. (FREIRE, 1996, apud, PERES, p. 14 – 131, 2018).

A escola é o lugar que a criança passa boa parte do seu dia, onde constrói vínculos que transformará a sua visão de mundo. Por isso a importância do professor

buscar a formação que o auxilie nesse processo de estratégias e intervenção necessárias para lidar com a problemática.

De maneira multidisciplinar a escola, além de ensinar contribui para a formação plena do homem, que no decorrer do processo de ensino/aprendizagem sofre transformações que levam a tomada de consciência autônoma.

## CONSIDERAÇÕES

*“Tem gente que machuca os outros  
Tem gente que não sabe amar  
Mas eu sei que um dia  
A gente aprende...”  
Russo, Renato; Venturini, Flávio (1987)*

Acima um trecho da música “Mais uma vez” interpretada por Renato Russo, que contribui para a nossa reflexão sobre a violência. Vivemos em uma sociedade, que está em luta constante, ou seja, a luta de classes. A violência é um fenômeno complexo e de distintas definições. No que concerne o homem usar a força propositalmente contra o outro, subjugando em uma relação de poder, gerando a desigualdade social. Sendo, a desigualdade social uma das condições que causa a pobreza, e é neste contexto em que a violência praticada contra crianças “ganha força”. O alcoolismo, a desestrutura familiar, o desemprego e a “disciplina” são algumas “justificativas” para a prática de atos violentos contra a criança.

O fato de a criança ser considerada frágil, vulnerável e incapaz de se defender, acabando por ficar a mercê do adulto que é mais forte que ela, e como o compositor Renato Russo e Flávio Venturini escrevem em sua música “Tem gente que machuca a gente, tem gente que não sabe amar.

Aqueles que deveriam oferecer cuidado e proteção são os que provocam dor e traumas. Loureiro e Queiroz (2005 apud KUTZK, et al, 2021,p.192 -217) indicam a família desestruturada, sendo um fator externo que afeta a escola. Todavia, a criança ao demonstrar dificuldades de aprendizagem, mau comportamento e problemas de socialização são na maioria das vezes as que sofrem com o descaso dentro da escola. A partir do momento que o professor considerar a história e as vivências da criança, desenvolverá um processo de ensino-aprendizagem de qualidade e consequentemente humanizador.

A violência não pode ser vista como um problema individual, pois é social. Sendo a escola parte da sociedade, contribui de maneira a criar as condições necessárias de ensino/aprendizagem que forme o sujeito crítico, reflexivo e consciente de si e do mundo. A história e a vivência da criança influenciam na formação da sua personalidade, como também em sua aprendizagem, sejam de forma positiva ou negativa deixará na criança marcas que refletirá em suas relações.

Desta forma, o professor ao identificar o problema, refletir sobre ele e buscar soluções coletivas, desviará da criança a culpabilização das dificuldades apresentadas na aprendizagem. A criação das condições necessárias de transformação nas relações com meio possibilita a tomada de consciência, assim encerramos com mais uma frase da música de Renato Russo, “mas eu sei que um dia a gente aprende”.

## REFERÊNCIAS

ABROMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

BARROCO, Sonia Mari Shima; SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da; TADA, Iracema Neno Cecílio (org.). **Violência na Escola: Encontros à Luz da Psicologia Histórico-Cultural**. Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR – EDUFRO, 2021. p. 13-17.

\_\_\_\_\_.FRANCO, Adriana de Fátima. **A formação social da personalidade violenta: Um debate educacional**. In: BARROCO, Sonia Mari Shima; SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da; TADA, Iracema Neno Cecílio (org.). **Violência na Escola: Encontros à Luz da Psicologia Histórico-Cultural**. Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR – EDUFRO, 2021. p. 61-84.

\_\_\_\_\_. et al. **Recuperação de uma pesquisa sobre a violência na educação básica: Relatos e reflexões impertinentes**. In: BARROCO, Sonia Mari Shima; SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da; TADA, Iracema Neno Cecílio (org.). **Violência na Escola: Encontros à Luz da Psicologia Histórico-Cultural**. Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR – EDUFRO, p. 163 – 191, 2021.

BISSOLI, Michele de Freitas. **Desenvolvimento da personalidade da criança. O papel da educação infantil**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 19, n. 4, p. 587-597, out./dez. 2014.

CALBO, A. S. et al. **Bullying na escola: Comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares**. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 73 –

80, dez. 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_artext&ppid=S1983-34822009000200001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_artext&ppid=S1983-34822009000200001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 25 outubro 2021.

CEZERILO, F. A. S. L. FRANZE, J. J. Influência da violência doméstica contra criança e adolescente no seu aproveitamento escolar em Moçambique. Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Urubelândia, v. 48, n 2, p. 463 – 486, 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF. Presidência da República [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccvi103/Constituicao/Constituicao.htm>>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei Federal nº 8.069/1990. Brasília, DF, 1990.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.935, de 11 de Dezembro de 2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm)>. Acesso em: 23 de outubro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2019-2022/lei/L13935.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/lei/L13935.htm)>. Acesso em: 27 setembro 2021.

BORGES, Caroline. MARTINS, Valéria. **Polícia conclui inquérito sobre ataque em creche de SC; três crianças e duas adultas foram mortas**. G1 GLOBO SANTA CATARINA 14/05/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/05/14/policia-conclui-inquerito-sobre-ataque-em-creche-de-sc-tres-criancas-e-duas-adultas-foram-mortas.ghtml>>. Acesso em: 18 de julho de 2021.

COSTA, Mariana Lins e Silva. **Violência nas escolas**: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para seu enfrentamento na educação. Maringá, p. 12 - 205, 2014.

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. Trad. J. Rodrigues Meréje. São Paulo: Brasileira, 1937.

FACCI, M. G. D. ESPER, M.B.S.B. Algumas reflexões sobre o sofrimento do professor e a violência na escola. *In*: BARROCO, Sonia Mari Shima; SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da; TADA, Iracema Neno Cecílio (org.). **Violência na Escola**: Enfrentamentos à Luz da Psicologia Histórico-Cultural. Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR – EDUFRO, p. 110 -135, 2021.

FIGUEIREDO, M. R. COSTA, M. L. S. BARROCO, S.M.S. **Violência na Escola e Drogadição**: Estranhando o que parece natural como proposta educativa. *In*: BARROCO, Sonia Mari Shima; SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da; TADA, Iracema Neno Cecílio (org.). **Violência na Escola**: Enfrentamentos à Luz da Psicologia

Histórico-Cultural. Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR – EDUFRO, p. 136 -161, 2021.

FRANCISCHINI, Rosângela. NETO, Manoel Onofre de Souza. **Enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes: Projeto Escola que Protege**. Relato de experiência profissional. Revista do Departamento de Psicologia, UFF. v.19, 2007.

GOMES, C. A. V. **O afetivo para a psicologia histórico-cultural: Considerações sobre o papel da educação escolar**. 2008. 170 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do escolar** – 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: [http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/arquivos/pdf/2013/Jun/20/pense\\_2012\\_arquivo\\_web.pdf](http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/arquivos/pdf/2013/Jun/20/pense_2012_arquivo_web.pdf). Acesso em: 12 setembro 2021.

LEONTIEV, A.N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. *In*: VIGOTSKII, L.S., LURIA, A.R. & LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 9ª ed. São Paulo: Ícone, 2001.

MARX, Karl. **Grundrisse**. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

PERES, Katiucia de Oliveira. A violência infantil e seus reflexos no processo de aprendizagem na Comarca de Marechal Cândido Rondon – PR. Cascavel, 2018.

*Pit Bull* ataca e mata criança de 2 anos em Luziânia. **TN BRASIL TV**. 2021. Disponível em: <<https://tnbrasiltv.com.br/pit-bull-ataca-e-mata-crianca-de-2-anos-em-luziania/>>. Acesso em: 18 de julho de 2021.

PINO, Angel. **Violência, Educação e Sociedade: Um olhar sobre o Brasil contemporâneo**. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 763-785, 2007.

RUSSO, R. VENTURINI, F. Mais uma vez. *In*: Banda 14 Bis. **Sete**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1986, faixa 1.

SANTIAGO, Daniela Emilena. **A violência segundo a perspectiva de Martín-Baró: possíveis contribuições ao serviço social**. **ETIC – Encontro De Iniciação Científica**, 2009.

SILVA, G. L. R. et al. Formação de professores e violência no contexto escolar. *In*: BARROCO, Sonia Mari Shima; SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da; TADA, Iracema Neno Cecílio (org.). **Violência na Escola: Enfrentamentos à Luz da Psicologia Histórico-Cultural**. Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR – EDUFRO, p. 218 - 232, 2021.

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural**. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do

Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

UDEMOM – Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo: Udemo, 2009. Disponível em: <[http://www.udemo.org.br/Pesquisas/Pesquisa\\_2009.html](http://www.udemo.org.br/Pesquisas/Pesquisa_2009.html)>. Acesso em: 13 setembro 2021.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Práxis e Violência. *In*: VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da práxis. México: Editorial Grijalbo, 1967. cap.VI.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977/1990.

VIGOTSKI, L.S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, n. 71, Campinas, Jul. 2000.